

a novas literacias multimodais – de saudar, por realista e necessário –, ou ao primado comunicacional, se abrissem com o mesmo empenhamento à pluralidade de mundos que a literatura consente, numa exposição tanto mais imprescindível à formação linguística e humana do aluno, quanto grande parte da população escolar, pelos seus contextos individuais e sociais, está dissociada desse *habitus*. Como quer que seja, e sobretudo no âmbito linguístico, o volume organizado por Isabel Margarida Duarte e Olívia Figueiredo constitui uma sólida e fecunda amostra do rigor da investigação em curso e da relevância da sua aplicação prática, sendo, pois, de saudar mais este contributo para pensar a língua materna e o seu ensino.

*Ana Maria Machado*

**DICIONÁRIO DE LUÍS DE CAMÕES**

**VÍTOR MANUEL DE AGUIAR**

**E SILVA (coord.)**

**Lisboa, Editorial Caminho, 2012**

**1005 páginas, ISBN 9789722121460**

1. Há 20 anos atrás, a publicação de um Dicionário sobre Camões teria, talvez, um impacto maior. Se o evento não é hoje tão louvado é, em primeiro lugar, porque a posição institucional dos Estudos Literários se vem fragilizando, no seio das próprias Humanidades e na esfera pública, em geral; mas é também porque, entre nós, a ideia de património

foi sendo corroída por querelas ideológicas ou políticas. E nem Camões, que esteve sempre no âmago dessa ideia, conseguiu ficar imune ao desgaste que daí resulta.

E, no entanto, a obra que agora surge é não só o maior acontecimento dos estudos camonianos, nas últimas décadas (pelo menos desde 1972, ano de comemorações da publicação de *Os Lusíadas*), como constitui uma das maiores realizações dos estudos literários portugueses de sempre. Quando se começou a ter conhecimento da natureza e amplitude do projeto, houve quem duvidasse da sua viabilidade: nas circunstâncias atuais, adversas sob tantos pontos de vista, uma obra de tanto fôlego não se afigurava de fácil execução. O ceticismo provinha sobretudo de três fatores: a necessidade de chamar a participar muitos colaboradores, dispersos por várias universidades e por diferentes países, o que costuma gerar atrasos difíceis de gerir ou mesmo bloqueios definitivos; o estado dos próprios estudos camonianos, sentido por alguns com apreensão e desencanto (vários nomes grandes do camonismo têm deixado o mundo dos vivos, sem que se note um processo de substituição regular); por fim, era lícito colocar algumas reservas quanto à sustentação económica do projeto: é preciso lembrar que, em tempos de acentuada crise no mundo editorial, estava em causa uma produção dispendiosa e complexa, mesmo sob o ponto de vista da realização gráfica.

Para surpresa dos céticos e júbilo de todos, o Dicionário foi publicado, ao fim de 5 anos de trabalhos. Esse é, sem dúvida, o primeiro sucesso do seu coordenador. Não há dúvida de que o cumprimento coletivo e apesar de tudo sintonizado, de tantos colaboradores deve-se, em primeiro lugar, ao prestígio e ao ascendente que o Professor Aguiar e Silva exerce no meio dos estudos literários, em Portugal e no Brasil. Convocados por ele, os colaboradores, muitos dos quais seus alunos diretos ou indiretos, sentiram de imediato a responsabilidade do chamamento e tudo fizeram para corresponder ao convite. Foi inclusivamente a natureza desse vínculo que permitiu a redistribuição fácil de alguns artigos que entretanto foram acrescentados ou de outros que, por qualquer motivo, não chegaram a ser elaborados pelos colaboradores escolhidos em primeira instância.

Mas o êxito não se resume à simples publicação da obra. A qualidade alcançada na generalidade dos verbetes é de tal monta que surpreende, mais uma vez, os pessimistas e os menos informados: refiro-me, sobretudo, àqueles que, nos últimos tempos, vêm acompanhando menos os estudos camonianos, designadamente a produção de alguns investigadores, “escondida” em revistas de escassa tiragem (muitas vezes apenas em versão digital) ou corporizada em teses universitárias que escapam facilmente à atenção de quem não acompanha a dinâmica dos júris académicos nem cultiva o hábito de aceder

às plataformas digitais, onde hoje são “depositadas” as provas, após a sua defesa e aprovação.

2. O Dicionário contém verbetes sobre quase tudo o que se poderia esperar que contivesse: géneros, temas, períodos, composições nucleares da Lírica, episódios de *Os Lusíadas*, autores contemporâneos do poeta, artes e ciências conectáveis com a obra camoniana, receção de Camões verificada em períodos posteriores, no Brasil, na Galiza, em Espanha e em vários países europeus, autores que dialogaram com Camões de forma mais intensa, comentadores e exegetas, nomes maiores do camonismo na Universidade portuguesa e na lusofilia, em geral.

Em muitos casos, os verbetes incidem sobre informação relativamente conhecida mas que se encontrava dispersa. Bons exemplos disso são aqueles que incidem sobre os diferentes “cancioneiros” relacionáveis com a obra camoniana, “Tradição clássica”, “Recepção de Camões na Literatura Alemã”, “Petarquismo”, “Neoplatonismo”, “Cânone das Rimas”, “Edição príncipes de *Os Lusíadas*”, “Inês de Castro”, “Cânone Literário português e Camões”. Qualquer destes artigos colige vasta informação (algumas vezes, revelada pelos próprios colaboradores em publicações anteriores), passando a constituir, doravante, uma referência incontornável e segura. Outros artigos, porventura ainda mais difíceis de redigir, dão conta de investigação que ainda se encontra em aberto (“Jeró-

nimo Corte-Real”, “Manuel Correia” (qualquer destes nomes, por motivos diferentes, é diretamente relacionável com Camões), “Camões e Diogo do Couto”, “Camões e Fernando Pessoa”, “Poesia Religiosa de Camões”); existe inclusivamente um bom conjunto de entradas que veicula informação ainda não totalmente publicada (“Garcia de Orta”, “André Falcão de Resende”, “Faria e Sousa”, “Biografia”).

Como era de esperar, nem todos os artigos são assertivos. Alguns, como é natural, refletem a controvérsia que subsiste em redor dos assuntos focados (“Baco”, “Cartas de Camões”, “Amor”, “Maneirismo” e “Maneirismo em Camões”, “Os Lusíadas. Tradição manuscrita”). Por detrás de qualquer uma das entradas referidas (que são, porventura, aquelas que mais se aproximam do registo do “ensaio”) nota-se a opinião dos respetivos autores; mas em nenhum deles são omitidas ou canceladas outras visões. Certificando esta louvável pluralidade e como sucede nos melhores Dicionários deste tipo, no final de cada artigo figura uma Bibliografia criteriosa, incluindo não apenas as fontes citadas no corpo do texto mas arrolando um vasto elenco, que fundamenta o corpo do artigo e facilita o trabalho dos leitores mais exigentes.

Por todos esses motivos, a presente obra constitui uma evidência bem positiva (surpreendentemente positiva, dir-se-ia) do muito que se tem feito, do que está a fazer-se e do que pode vir ainda a fazer-se no domínio inesgotável

dos estudos camonianos. Deste modo e sem nenhum tipo de favor, o volume editado pela Editorial Caminho em 2012 (em Portugal e no Brasil, sob formatos diversos) transformou-se imediatamente no livro que terá que abrir, muitas vezes, quem queira abeirar-se da figura e da obra do poeta, tanto por curiosidade como por verdadeiro interesse intelectual, para aprender melhor ou para ensinar com mais rigor, convicção e entusiasmo. Para todos eles, o Dicionário pode muito bem ser, ao mesmo tempo, tanto o volume que se consulta pontualmente, à medida do interesse do momento, como a obra que se pode ler de forma continuada.

Como se isso não bastasse, o leitor tem ainda margem para descobertas inesperadas. Não seria forçoso encontrar num Dicionário deste tipo artigos tão extensos como aquele que é consagrado, por exemplo, ao rei D. Sebastião, tomando-o não apenas como circunstância histórica situado num plano externo mas como personagem que Camões coloca dentro do poema, subvertendo, aliás, os códigos épicos mais observados no seu tempo.

3. Ainda assim, com todos estes aspetos positivos, é possível identificar algumas lacunas na obra que agora vem a público. Pode estranhar-se, desde logo, que não exista um sistema de remissão interna: numa publicação com esta densidade, ajudaria muito quem lê um determinado artigo saber que uma noção é objeto de entrada própria, o que lhe permitiria derivar

imediatamente para ela. No domínio das faltas substantivas, como seria inevitável, podem fazer-se alguns reparos: é notória a ausência de entradas respeitantes à escolarização de que a obra de Camões vem sendo objeto, pelo menos desde o aparecimento do ensino público, em Portugal e no Brasil: a sua presença no cânone escolar e no ensino em geral, envolvendo critérios de seleção antológica, métodos e objetivos contemplados nos Programas. Ainda no mesmo plano, teria sido útil a inclusão de entradas sobre “Adaptações” e “Edições escolares”. Tendo em consideração a permanência de Camões nas escolas portuguesas e brasileiras, é possível pensar que se trataria, sem dúvida, de entradas muito consultadas por professores do ensino básico e secundário em qualquer um dos países; mas o seu interesse iria decerto para além desse âmbito, uma vez que, como é sabido, a forma como Camões tem vindo a ser ensinado não é totalmente independente das orientações que têm predominado na investigação universitária.

Lamenta-se ainda que a obra não tenha acolhido verbetes sobre camonistas vivos e consagrados, pelo menos até uma determinada geração. Em meu juízo, teria sido muito vantajoso adotar normas de sobriedade que permitissem a inclusão de verbetes sobre nomes de grande currículo camoniano como são Cleonice Berardinelli, Maria Helena Ribeiro da Cunha, Leodegário de Azevedo Filho, Aníbal Pinto de Castro (os dois últimos viriam a falecer no decurso

da elaboração da obra), Maria Helena da Rocha Pereira, Américo Costa Ramalho, Sebastião Tavares de Pinho, Maria Vitalina Leal de Matos, Eduardo Lourenço, Helder Macedo, Vítor Aguiar e Silva, entre outros. Trata-se, de facto, de nomes cuja relevância camonística não oferece discussão e que muito importava tratar de forma autónoma e integrada. Para além do seu valor intrínseco, os verbetes cuja falta aqui notamos viriam somar-se àqueles que aqui surgem sobre camonistas já falecidos, contribuindo, no seu conjunto, para uma verdadeira história crítica do camonismo que se encontra por fazer, sempre englobando as vertentes portuguesa e brasileira.

Uma ou outra ausência podem ainda apontar-se no plano temático: registamos, por exemplo, a falta de uma entrada sobre Natureza (que não se subsume na entrada sobre “Éclogas”). Neste plano, a falta em apreço contrasta, por exemplo, com a presença de três excelentes entradas: “Viagem”, “Desconcerto do Mundo” e “Exílio”. Se no plano das composições líricas, a par das redondilhas de “Sóbolos rios que vão”, teriam talvez merecido entrada autónoma a Canção X e a Égloga dos Faunos, no que toca a *Os Lusíadas* notou-se a ausência de uma entrada sobre “Dedicatória” ou “S. Tomé”.

Não tenho dúvidas em reconhecer que grande parte das “imperfeições” que se apontam exprime sobretudo a projeção de desejos pessoais, tendo

em vista uma segunda edição da obra. Tal como se apresenta na edição portuguesa, nas suas 1005 páginas e nos 209 artigos que engloba (cometidos a 69 colaboradores), o *Dicionário de Luís de Camões* veio preencher uma lacuna há muito sentida pelos estudiosos e devotos de Camões, obrigando as estantes votadas à camonística a alargarem um pouco mais, para acolher uma obra que agora, de todo, lá não pode faltar. Mas o volume representa bem mais do que isso: enquanto iniciativa editorial corajosa, o extenso *opus* constitui um grande serviço prestado à Literatura e à Cultura que se exprimem em Língua Portuguesa: um serviço que deve ser creditado à Editorial Caminho (cujos ativos eram já assinaláveis neste tipo de obras); e que deve ser acrescentado à já larga parcela de devoção, operosa e invulgarmente qualificada, que Vítor Manuel Aguiar e Silva vem consagrando ao nosso poeta maior.

*José Augusto Cardoso Bernardes*

**A RECEPÇÃO DE CAMÕES NO BARROCO PORTUGUÊS: O CASO DE ESTÉVÃO RODRIGUES DE CASTRO RUI MANUEL AFONSO MATEUS**  
Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2011  
226 páginas, ISBN 9789722719520

Este estudo constituiu originariamente a dissertação apresentada pelo Autor, em 2003, à Faculdade de Letras da

Universidade de Coimbra, no âmbito do Curso de Mestrado em Literatura Portuguesa.

No período que mediou entre a defesa da tese e o aprontamento desta para publicação, Rui Mateus procedeu à revisão e atualização da sua obra, tendo em conta as sugestões e orientações de investigação formuladas pelos membros do júri que apreciaram o seu trabalho, acolhendo as contribuições de novos conhecimentos entretanto proporcionados por outros estudiosos e beneficiando do amadurecimento e do aprofundamento do seu próprio projeto de investigação. Merece ser sublinhado o sentido de responsabilidade intelectual assim demonstrado. O labor de pesquisa científica, seja no âmbito das ciências humanas e sociais, seja no âmbito das ciências exatas e da natureza, pressupõe um investigador que saiba ouvir e acolher, concordando e discordando, as orientações e os conselhos de mestres experientes e credenciados, que acompanhe atenta e criticamente os novos conhecimentos produzidos na área em causa, que disponha do tempo necessário para aferir os seus instrumentos teóricos e metodológicos e para convalidar ou infirmar as suas hipóteses e conclusões, e sobretudo que cultive uma atitude intelectual ao mesmo tempo de empenhamento e de abertura, que revele a capacidade de questionar os seus pares e de se questionar a si próprio, sem dogmatismo nem arrogância. Rui Mateus, a avaliar por esta obra, é um jovem investigador que